ANO 2.° LISBOA--QUINTA-FEIRA, 26 DE OUTUBRO DE 1922 N.° 478

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

ASSISTIMOS a noite passada a uma sessão de cinema. A sala estava á cunha, respirando-se mal. No *écran* passaram algumas fitas, modelos de *truquerie*.

Numa delas, uma princesa, com o rosto *bien bace tonné*, e dois companheiros, sempre de bom humor, rompeu a selva africana, contra todos os perigos que a gente já conhece, desce os romances de Julio Verne. A paisagem é falsificada, como costumam fazer os cineastas americanos e alemães. Os muitos pretos que vão aparecendo nem ao menos se pintaram a rigor.

Tigres e leões, sabiamente amestrados, deixam-se cair, fingidamente mortos por tiros de polvora sêca.

Surgem precipicios que, apesar de suas fumaceiras sulfureas, são macios como alfombras.

Por fim, até aparece um rei que faz os recados da corôa. Casos de loucura, curam-se rapidamente pousando as mãos em caras simpaticas.

Como dizemos, uma grosseira, torpe ficção.

No entanto, o publico mostra-se interessado, crente no engano. Gasta o seu dinheiro, consome uma horas com a impressão de passar o mar Vermelho a pé enxuto.

Se a mentira não fosse uma industria, a credulidade humana devorava-se a si propria.

* * *

ONTEM, no Porto, pouco depois das onze horas da noite, rebentou uma bomba na soleira da porta de um predio, na rua José Falcão. Os autores do atentado foram presos.

E' um caso de zelo e inteligencia que nos cumpre registar.

A nossa policia, geralmente, sabe de bombas o mesmo que toda a gente — ouve dizer que elas rebentam em sitios que escapam á sua vigilancia.

Das suas pesquizas pouco se apura, a não ser que os criminosos são desconhecidos. Estes, misturados com a turba das ruas, podem admirar em socego a sagacidade dos seus perseguidores.

* * *

O *PORTO* não sofreu, durante a viagem, qualquer demora, por avaria nas suas maquinas. Veio do Rio de Janeiro directamente á Madeira e daqui a Lisboa, com o andamento necessario para chegar, no dia 26 de Outubro, conforme as instruções do ministerio da Marinha.

Podemo-lo considerar um barco regenerado, merecedor da estima de nós todos.

* * *

O NOSSO prezadissimo colega Norberto de Araujo recebeu um oficio da Associação Brasileira de Imprensa que lhe comunica ter sido incluido, por indicação do 1.° secretario dr. Alfredo Neves, no numero dos seus socios correspondentes.

Igual honra foi concedida aos outros distintos jornalistas que fizeram parte da comitiva presidencial.

* * *

OS varios parlamentares que traziam o proposito de atacar o governo, derrubando-o estrondosamente, começaram a mostrar-se muito mais brandos, o que nos leva a crêr que a crise, em vez de sair de uma tempestade, brotará de um simples fogo de artificio.

TERRA SAGRADA

Os povos vivem principalmente pela beleza e pela força das suas emoções superiores. Ha para eles dôres redentoras e alegrias que marcam a plenitude do seu orgulho.

Entre umas e outras, a vida é vulgar, mesquinha, sem fulgor.

O essencial é que, nas horas elegiacas ou heroicas, a sua alma rompa os liames da materia e se exalte, como um clamor de vitoria.

Portugal conhece todas as sensações de quem se liberta do mal, arrancando-lhe dolorosamente as raises, ou se entrega ao jubilo de ter acrescentado á sua historia mais uma pagina de oiro.

Sob os muros de Tanger, a derrota deteve os portugueses, mas

(Desenho de Jorge Barradas)

o seu animo de ferro, a sangrar, a uivar de desespero sublime, não se deixou esmagar, porque queria vencer.

Quando Vasco da Gama regressou da India, os sinos de todas as igrejas de Portugal anunciaram a Descoberta. As pombas voaram no azul e as preces subiram para Deus.

No regresso á Patria de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, Portugal inteiro palpita na admiração da sua obra. Perante esses dois portugueses de nobre raça, o entusiasmo une todo o nosso ser numa só expansão de sofrimento redimido.

Das nossas magoas eles fizeram um deslumbramento.

Com o simples bater de azas do seu hidro-avião, a nossa fé lusiada refloriu, entre ruinas.

As estrofes dum poema puzeram seis milhões de almas a cantar para a imortalidade!

RECOMENDAMOS á atenção dos nossos promotores de congressos regionais a seguinte noticia que recortamos de *Le Temps:*

«O *maire* duma comuna vizinha dos Pirineus decidiu que, na sua circunscrição, não se construa um só edificio que não obedeça ao estilo da terra.»

Sem querermos diminuir os meritos da propaganda regionalista, que se faz entre nós, parece-nos que ela se ocupa de tanto problema ao mesmo tempo, que corre perigo de não se resolver nenhum.

Admite-se, por exemplo, que ela, com o senso do *maire* francês, não se ocupe da construção da casa, tornando-a a sintese viva da região? Em nenhum dos congressos, até hoje realisados, apareceu ainda, devidamente organisado, o *album* da provincia, cujos representantes se esfalfam a discutir teses dias e dias, apezar de algumas delas serem vagas e abstractas como as Ideias de Platão.

* * *

A BORDO do «Porto», regressaram a Lisboa o comandante Coriolano da Costa e o tenente Arantes Pedroso, da comitiva do sr. Presidente da Republica. O comandante Coriolano despediu-se ontem da oficialidade do «Porto», para quem teve palavras do maior elogio, enaltecendo a figura de marinheiro do comandante Afonso Dionisio, que agradeceu, profundamente comovido, as boas palavras que lhe foram dirigidas e aos seus camaradas.

Vieram tambem a bordo cinco oficiais do cruzador *Republica*, que excediam a lotação daquele navio e foram tranferidos por terem concluido a sua viagem de instrução. São os guarda-marinhas Faria Pereira, Sarmento Rodrigues, Raposo, Cosme, Zanati e Leiria—que durante a travessia aérea do Atlantico prestaram, com a gloriosa oficialidade daquele navio, os melhores serviços ao magnifico empreendimento dos nossos aviadores.

* * *

A recepção feita hoje aos aviadores excedeu todas as previsões optimistas. Quando se dizia que Lisboa, assoberbada de tristezas e desilusões, já não tinha alma para vibrar, cometia-se um erro de previsão. O povo, em todas as idades e em todos os tempos, pode perder a faculdade de erguer politicos á altura de deuses, mas não perde nunca o sentido de diferençar os farçantes dos verdadeiros herois.

* * *

A par do exito jornalistico, causou um invulgar sucesso literario a edição especial do *Diario de Lisboa* de hoje. Os perfis dos aviadores feitas pelo nosso querido camarada Norberto Lopes são do mais perfeito e do mais interessante que se tem publicado em Portugal e Brasil acêrca de Sacadura Cabral e de Gago Coutinho.

* * *

A UNIVERSIDADE do Porto, quando os aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral visitarem esta cidade, conferir-lhes ha o grau de doutores em sciencias geograficas.

* * *

O reporter fotografico do «Diario de Noticias», Anselmo Franco, foi agredido por um guarda civico, na ocasião em que pretendia fazer um «cliché» dos heroicos aviadores, quando eles saiam do Terreiro do Paço, em direção á Camara Municipal.

Apoteose!

á aventura magnífica de Gago Coutinho e Sacadura Cabral

Patria! Mãos postas. Rezar!
—Vozes nocturnas do mar!
—Trovões rudes da montanha!
Gente lusa não esqueceu
Que foi milagre do Ceu
Esta Aventura tamanha.

Novo Sol raiou agora.
Vinde vêr — a luz da aurora
Tem mais encanto, mais côr.
Maravilha nunca vista:
—E' o Astro-rei da Conquista
Doirando campos d'Amor!

Velhos contos torturados
Dos palacios encantados
Que é de vós? porque, afinal,
Noites d'inverno, á lareira,
Vai-se ouvir a Historia inteira
Dos Herois de Portugal.

«Deitai lenha no brazeiro
«Haja bom fogo, primeiro».
E o avô, ao meio, scismava
Nesto milagre sem par:
—Azas soltas pelo ar
Era Deus que as amparava...

Alma de Raça, temperada!
Sonho lindo, Ancia indomada
Por condão que Deus lhe deu!
—E a nave seguiu contente,
Embalada docemente
Pelas estrelas do Ceu.

Barca nas ondas do Espaço,
Cingindo-a num mesmo abraço
Mar e ceu, profundos, crentes..
Ouvi o mar—são baladas
A' esp'rança das madrugadas
Nas saudades dos Poentes!

Lá vai... Jesus! rumo incerto.
Vejo-a linda—mais perto...
—Mas que gentil caravela!
Cruz de Cristo te proteja!
Oh! aguias, tremei d'inveja...
Benção de Deus, vai com ela.

Patria! Mãos postas. Rezar!
—Vozes nocturnas do Mar!
Trovões rudes da Montanha!
Gente lusa não esqueceu
Que foi milagre do Ceu
Esta Aventura tamanha.

Zuzarte de Mendonça (Filho)

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

NÃO COMEM, DEVORAM!

TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS

Superior ao óleo de bacalhau e emulsões

INDICADO DIARIAMENTE PELOS MEDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MACEDO, CORDEIRO FERREIRA ETC.

FARMACIA FORMOSINHO

Praça dos Restauradores, 18

TERRAS DO SUL

A CAPITAL

DA NOSSA PROVINCIA ALGARVIA

reune todas as condições necessarias para vir a ser

uma grande cidade moderna

Tendo-nos alguem chamado a atenção para umas rapidas notas de viagem, em que o sr. Correia da Costa—o panegeirista vigoroso das leivas ribatejanas—fixava alguns aspectos dos seus entusiasmos e decepções perante a paisagem algarvia, sem pretendermos colocar em cheque ou influir sequer na receptibilidade afectiva de quem, num uso plenissimo, converte a arte de viajar em oficio de reportagem, não quizemos deixar de dilatar um pouco mais as nossas considerações sobre as terras do sul.

E postas as coisas nos seus devidos lugares, *si parva licet componere magnis*, como diria o grande Virgilio, consinta-nos ao menos o viageiro ilustre, que tão sinceramente se confessa apenas com *quarenta e oito horas*, decerto incompletissimas, no efectivo dos seus conhecimentos sobre a paisagem e as coisas que descreve, consinta ao menos, sim, que nesta humilde prosa, seca e descolorida, lhe indefiramos algumas pretenções que julgamos pouco justas.

O jornalista, mesmo quando viaja, mesmo quando pretende fazer sintese do que observa, não deve ver apenas com os olhos. Os nossos olhos, perante qualquer trecho de paisagem, que pela primeira vez se depára, sentem mudar o sexo das suas meninas, e passam, na verdade, a ser como dois meninos turbulentos, a uma vasta mesa toda coberta de apetecentes iguarias, meninos a que é a todo instante indispensavel estar-lhes a recomendar método, compostura, parcimónia.

Vêr muito depressa é, como mastigar a correr, — péssimo.

Não é isto contumélia a Correia da Costa, que admiramos; é apenas anotação, muito ligeira e despretenciosa, ás suas frases.

Faro, por exemplo, vista apenas num rápido vôo de *reporter*, quando, de mais a mais, tudo tem fugido para as praias, o que fantasia o leitor que porventura seja? Na verdade, quasi sem vida. Admirada, porém, na epoca propria, a vaidade do nosso bairrismo não hesita em pedir alguns confrontos.

Ela é então uma cidade já acentuadamente moderna e de vida intensa.

Comercial e agricola por excelencia, o seu progresso nota-se, dia a dia, com a abertura de novos estabelecimentos comerciais e de crédito, alguns já bastante luxuosos, e nas estradas que conduzem ás povoações suburbanas dezenas de habitações surgem todos os anos de sob a continua azáfama dos andaimes.

E não é a isto que se chama ter vida, das mais pujantes e ostensivas?

Arquitectonicamente é, na realidade, sem gosto, e bastante fraca tambem pelo lado historico e monumental. As tropas inglesas, na sua fúria de saque e destruição, em 1596, e as calamidades de 22 e 25, que causaram aqui «tantos prejuísos e desgraças pessoais como em Lisboa e noutros sítios do país», como refere o sr. E. Noronha, apagaram-lhe quasi por completo todos os traços do passado.

Além da Sé episcopal, que foi primitivamente, como é sabido, mesquita de mouros, possue comtudo ainda, do tempo dos arabes, uma curiosa porta autenticamente mourisca, praticada no muro interior que fórma o Arco da Vila, a qual só ha pouco tempo foi mandada desentaipar.

Considerando-a «o monumento mais antigo que existe actualmente em Faro (não falando, já se vê, dos que estão no Museu)», sobre ele escreve em «O Archeologo Português», pag. 114, o dr. Leite de Vasconcelos: «Ha entre nós tão poucas reliquias da epoca arabica, que convem conservar *in situ*, e com todo o cuidado, este monumento, apesar da sua modestia».

Do tempo de D. João III, possue o antigo convento das freiras da capital do distrito, já superiormente considerado monumento nacional, e que é uma bela construção renascença, com um adoravel claustro em tudo semelhante ao da Madre de Deus, em Xabregas, como já em tempo referira em o *Diario de Lisboa*, numa entrevista, o ilustre escritor algarvio sr. Sebastião da Costa. Nele se pensa instalar em breve o Museu Regional Algarvio, com o lapidar Infante D. Henrique, que está na igreja dos Capuchos, e outras secções.

Quanto a paisagem, os arredores são o que ha de mais tipico e, sem favor, belo. O panorama que se desfruta da pequenina torre da ermida de Santo Antonio do Alto, a ocidente da cidade, e dominando-a, é o que se pode chamar simplesmente arrebatador. E não faltam as ligações historicas com o lugar, para que de todo se esqueça um passeio até lá. D. Carlos e D. Amelia ali estiveram, quando da sua visita ao Algarve, dedicando ao espectaculo de emotiva beleza que do curioso ponto se preliba as mais acaloradas mostras de apreço.

Na fachada da ermida ha uma lápide comemorando a real visita.

Em hoteis, o *Grande Hotel*, inaugurado a quando da visita de Sidonio Pais a Faro, logo nos primeiros meses da sua presidencia, é um dos mais confortaveis e luxuosos de provincia; e quanto á propria vida da cidade, á noite, desde que se comece a sentir o regresso das praias, ela por completo se modifica.

Os *clubs* e as bailarinas espanholas se encarregam então de dissipar, até aos mais enfastiados, com algumas somas recomendaveis, as «saudades sem nome» — das catedrais ao poente, — das mulheres sensuais e divinas e dos pintores que são amantes das tintas — ou da tinta que é amante dos pintores... femininos, que até nisso as donzelas da pretenciosa capital algarvia, para mais lhe darem um certo aspecto de pequenina Lisboa, já fazem tela dos proprios rostos...

Porque, seja dito, em Faro não faltam tambem raparigas deliciosas e poentes que, se não envergonham os de Espanha, pelo menos não lhe ficam a dever muito. E quanto a pintores, tudo bem vasculhadinho, ainda se encontram alguns, cujo colorido das tintas não é menos belo e guizalhante que o dos seus *irmãos* da Andaluzia [illegible].

Carlos Porfirio, pintor [illegible], não é ele bem, no Algarve das côres, o estranho sinfonista da *gonache*? E Raul Carneiro, professor do liceu e director da Escola Industrial, não é tambem, na modestia do seu recato, uma encantadora barra de avental serrenho no rodopio amigo de uma «modinha» local?

O proprio Lyster Franco, o homem dos carvões, possue algumas telas de um policronismo tão gritante que até nos faz alheados do negro das suas barbas e *lavalières*.

Mas para que nos é necessario mais do que esta encantadora surpresa, de toda a gente lêr em Faro, mais do que com interesse, com ternura, o *Diario de Lisbôa* para que possamos ter imediatamente a noção completa de quanto a capital algarvia é já hoje, e em plena florescencia, uma cidade moderna?

Para um proximo artigo reservamos algumas considerações sôbre «A Casa dos Algarvios», nesta capital, e sua especial função como elemento de propaganda do Algarve, e o que Faro, com a abertura do porto em projecto, a sindicálização da sua agricultura e industrias, a breve construção de um grande *Stadium* para educação fisica, *sports* e espectaculos de circo, a edificação, tambem para breve, de um jardim de infancia, a erecção do monumento a João de Deus e o conveniente abastecimento de aguas, que é inegavelmente o seu problema magno, dentro de poucos anos, muitos poucos, deverá ser.

Mateus Móreno

O "RAID,, AEREO AO BRASIL

Exibe-se hoje no Condes este sensacional «film»

O complemento das festas de recepção aos nossos heroicos aviadores, que hoje se realizam, é sem duvida a sessão da noite no Cinema Condes, em que se exibe completo todo o «film» da extraordinaria viagem, com as homenagens prestadas no Brasil a Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Este «film» é o unico completo, abrangendo todas as peripecias da maravilhosa aventura e dando os mais belos aspectos das grandiosas festas com que os dois herois do ar foram recebidos na hospitaleira terra irmã. Do programa de hoje, de tarde e á noite, tembem faz parte a engraçada comedia *O botequim do Felisberto*, impagavel criação de Max Linder, o *Jornal do Condes 138*, a farça *Um dia delicioso*, etc.

Pelo "sport"

AO SOM DO «GONG»

Efectua-se hoje o campeonato de Portugal de "meio-medios"

Conforme foi anunciado, realiza-se hoje no Coliseu, pelas 21,30 horas, a «soirée» de «box» em que será disputado o campeonato de Portugal de «meio-medios».

Além deste «match», batem-se Silva Ruivo e Costa Mendes, havendo tambem dois bons combates de amadores.

O «clou» da noite é, porêm, o encontro Faustino-Crespo, já porque se trata da disputa do titulo, já porque os dois são representantes de cidades sportivamente rivais, já ainda porque o «challenger» quere á força reconquistar um titulo que em primeira mão lhe pertenceu.

* * *

Faustino Pereira nasceu em Braço de Prata em 28 de janeiro de 1897.

O primeiro «sport» que praticou foi o «foot-ball», «sport» em que se conservou durante 8 anos, fazendo tambem corridas pedestres e ciclistas, e ainda natação.

Começou a fazer «box» em 1916, conservando durante dois anos o titulo de campeão amador de meio-medios.

O seu «récord» como profissional é brilhante. Venceu por «k-o» os portugueses Monteiro, Manuel dos Santos e José Leclie (duas vezes); o americano Hool Bill, o espanhol Luís Reina (três vezes), o brasileiro Porene Junior, o fracnês Jean André e o suiço Maurice Pedrini.

Venceu aos pontos os portugueses Oscar da Silva (duas vezes), Reis Costa (duas vezes) e Manuel Guita; os franceses Max Henry, Chassagne e Marius; e o belga Gollin.

Venceu por desistencia o suiço Pedrini e o português Oscar da Silva. Fez combates nulos com os portugueses Tavares Crespo e Silva Ruivo e com o francês Chassagne. Perdeu por desistencia com os franceses Mario Gall ao 7.º «round», Vinez ao 4.º e Violas ao 8.º. Foi batido aos pontos por Tavares Crespo e por Silva Ruivo.

Tavares Crespo nasceu em 2 de novembro de 1898, no Porto. Em 1912 começou a fazer «foot-ball», fundando, com mais quatro companheiros, em 1914, o Club Nun'Alvares, que foi campeão de terceiras categorias.

A seguir comprou uma bicicleta, em què fez corridas um ano. Começou mais tarde a fazer pesos e alteres, conseguindo o segundo logar no campeonato. Ao mesmo tempo trenava-se em luta greco-romana com o italiano Verduzzi.

Fez ainda remo, bem como lançamentos de peso e disco.

Foi no «Racing» que começou a jogar o «box». Toda a gente o desanimava, não lhe dando muitos anos de vida em tal «sport». A sua perseverança, a sua grande força de vontade, levaram-no até ao campeonato de Portugal.

Foi amador um ano, iniciando, em 1921, a sua vida de profissional num combate com Jean André, em que este foi vencido aos pontos. Derrotou depois, tambem aos pontos, Cadieu, Faustino Pereira, Silva Ruivo e Simeth. Venceu por «knock-out» Ferreira Junior e por desistencia Silva Ruivo.

Fez «matchs» nulos com Faustino Pereira e com Simith. Foi vencido aos pontos por Marius, Vinez e Simith.

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de eczema humido e secco, crostas duras, espinhas e errupções.

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos. Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

AZAS QUE REGRESSAM

A travessia aérea do Atlantico

em notas e impressões

apreciada nos seus três aspectos: scientifico, audacioso e sentimental

A travessia aerea do Atlantico, apreciada nos seus dois aspectos scientifico e audacioso, foi, incontestavelmente, um empreendimento formidavel.

Ninguem pode negar ao almirante Gago Coutinho o extraordinario valor dum sabio, que em pleno seculo XX realizou o milagre de ressuscitar o genio nautico da Raça. O calculo entrou na vida portuguesa pela sua mão como um factor de primeira grandesa para atingir um fim determinado

E, após o calculo, veiu o metodo e, após o metodo, veiu a audacia.

Sacadura Cabral é o homem que realiza, é a vontade de ferro, é a energia indomavel. Gago Coutinho faz um calculo de cinco em cinco minutos e dá-lhe o rumo do avião. Sacadura Cabral vai ao leme, olhos postos na bussola, mãos firmes para evitar o mais pequeno desvio, conduzindo sempre em linha recta o fragil aparelho de aluminio, de aço e tela, que vôa sobre o Atlantico como uma estrela cadente.

A parte scientifica da travessia depende apenas de numeros, de calculos e de linhas. E' tudo matematico, algébrico, geometrico. Um erro insignificante pode ser a morte. Esse erro não se chegou a dar. A travessia teve um exito scientifico absoluto.

***

Na Escola Politecnica de S. Paulo, rodeado de alunos e de professores, Gago Coutinho explicou rapidamente, em meia duzia de palavras, o seu metodo de navegação aérea. O sabio almirante pegou no giz e o quadro preto encheu-se de calculos e de figuras geometricas em menos tempo do que leva a contar.

—Como vêem, dizia o almirante, é tudo muito simples... A unica dificuldade, se assim lhe podemos chamar, consiste no trabalho preparatorio. Uma vez no ar, lanço uma boia de fumo, calculo a medida do angulo que resulta da direcção do aparelho com a linha da boia e tenho assim o abatimento. Não há nada mais simples... E' o ovo de Colombo...

E desceu do estrado, modestamente, como um professor que acaba de fazer a sua prelecção:

—E foi assim que nós chegámos ao Brasil...

***

Há muita gente que se mostra preocupada com a resposta a esta pregunta:

—Qual dos dois contribuiu mais para o exito da viagem?

Nós diremos simplesmente que os dois constituem um todo. Sem um observador da fôrça de Gago Coutinho, o piloto não se aventurava a atravessar o Atlantico. Sem um piloto que não tivesse a energia, a tenacidade e a audacia de Sacadura Cabral, o observador não punha o pé dentro do avião.

O almirante Gago Coutinho: *— E foi assim que chegámos ao Brasil...*

Sacadura Cabral e Gago Coutinho completam-se. Se um dá o rumo, o outro dá a confiança absoluta nas suas extraordinarias qualidades de piloto.

A arvore não frutifica, se não tiver a seiva a alimentar-lhe a raíz. Se um é a seiva, o outro é a arvore. Se um é a sciencia no espaço, o outro é a sciencia aplicada á pratica.

***

A parte scientifica interessa aos profissionais do ar. Mas ha ainda o aspecto sentimental e este teve uma tal repercussão na alma popular que nos obriga a apreciá-lo como um fenomeno de psicologia colectiva, de psicologia das multidões.

Ha sempre um exagero nestes grandes movimentos de entusiasmo, que de pequenos regatos onde corre a linfa cristalina filtrada á luz da razão se transformam em rios caudalosos, onde se vêm juntar todas as aguas da bacia hidrografica do nosso sentimentalismo doentio.

Mas que belo, que santo e patriotico exagero que fez o milagre de acordar a alma nacional, ainda que para um fugaz lampejo que passou como um relampago no ceu cinzento da nossa apagada e vil tristeza...

A grande palpitação patriotica que acompanhou sempre o pequeno avião glorioso é a mais bela prova de que a alma portuguesa acordou de um longo somno em que estava imersa, sabe Deus e sabem os investigadores prudentes ha quanto tempo!

***

A repercussão no Brasil foi extraordinaria. Em volta dos dois aviadores criou-se uma lenda de heroismo que ha de ficar por largo tempo nos dizeres simples do povo, em *sambas*, em modinhas e em choros de viola ao luar.

Os jornalistas tiveram até necessidade de criar uma palavra para designar aquele ambiente de entusiasmo delirante que rodeou sempre os aeronautas desde que puzeram pé em terra brasileira. E' o *sacadurismo*.

Com a grande facilidade que os brasileiros têm de criar palavras, é muito natural que os aviadores tenham deixado a lingua enriquecida — depois de eles proprios se terem enriquecido de gloria e de dinheiro.

Ha pequenos detalhes que falam mais alto do que a torrente de eloquencia e de logares comuns que se despenhou sobre a cabeça dos aeronautas da gloria, desde a sua chegada ao continente brasileiro.

O comandante Sacadura fez logo sentir, á entrada de S. Paulo, que não gostaria de ouvir mais discursos.

Gago Coutinho, com um belo ar de resignação nos olhos tristes, respondia a um oficial brasileiro, que o abraçava de lagrimas nos olhos — «tenho muito satisfação em abraçar um heroi» — estas palavras simples:

— Agora já não ha remedio. . . É ir para a frente. . .

Como quem se lastima de não poder voltar para trás.

Se soubesse que a travessia do Brasil era tão dificil, não tinha tentado a travessia do Atlantico para chegar ao Brasil.

***

Toda a genta sabe que uma sensação agradavel acaba por se tornar dolorosa, quando se repete muitas vezes. É assim a Vida, é assim a Gloria, é assim o Amor.

Ora o tipo da homenagem preferida pelos portugueses e pelos brasileiros — talvez pela raça latina—é a sessão solene.

E uma sessão solene é igual a todas as sessões solenes desde que o *leït-motiv* seja o mesmo. A solenidade tem o grave defeito de se mostrar sempre aos nossos olhos com a mesma indumentaria: de casaca e chapeu alto.

Ora se todos nós andassemos de manhã, de tarde e á noite em trajo de rigor, o protocolo via-se obrigado a decretar o *paletot* para as reuniões de cerimonia.

Uma solenidade que se repete todos os dias acaba por se transformar numa banalidade.

Por isso o comandante Sacadura pediu, por todos os santos e santas da côrte do Ceu, que esgotassem o manancial abundante da eloquencia, poupando-lhe o desgosto de cometer alguma falta ou de ser acometido de alguma sincope.

***

O almirante Gago Coutinho, os leitores já sabem, é um fino espirito de *blagueur*, que não resistiu á tentação frivola duma *blague*, quando o *Fairey 17* se viu perdido com os seus tripulantes na imensidade liquida do Atlantico.

Mal o avião pousou na agua—repito a historia, porque me parece digna de ser contada—um tubarão enorme, com outro mais pequeno ao lado, aproximou-se lentamente do aparelho, muito grave e muito solene, como quem vai de visita a uma casa de cerimonia, cumprimentando amavelmente o dono da casa, que, por mais velho, devia ser o almirante Gago Coutinho.

Este não perdeu a serenidade, com a visita inesperada do perigoso rei dos mares de Fernando Noronha, e, voltando-se para o comandante Sacadura, teria dito pouco mais ou menos assim:

—Temos ali uma visita de cerimonia... E' um tubarão que está ensinando o filho mais novo a ganhar a vida...

Comentava depois, ao almoço:

—Confesso que não me agradava nada ir parar ao estomago de um tubarão... são bichos de muito alimento...

***

A travessia do Atlantico-Sul em avião, não representou apenas um marco glorioso na historia da navegação aerea: foi tambem um fenomeno interessante de vitalidade, foi uma prova maravilhosa de energia; foi uma autentica renascença de glorias e de sentimentos que estavam adormecidos.

Se os politicos e os diplomatas tivessem sabido aproveitar aquela alma nova, que renasceu como a Phœnix das proprias cinzas, outro galo nos cantaria. Mas os politicos... Mas os diplomatas... E da aureola romantica que se formou em torno das azas brancas de um hidro-avião ficará apenas a vaga recordação dessa aureola na voz da lenda.

N. L.

Gago Coutinho assinando, em S. Paulo, a escritura de doação do terreno que lhe foi oferecido.

Sacadura Cabral assinando, em S. Paulo, a escritura de doação do terreno que lhe foi oferecido

REGRESSO Á T

LISBOA RECEBE TRIUNFA

OS AVIADORES E

Os dois redactores do "Diario de Lisboa", envi primeiros portugueses que entraram hoje a bordo d de lhes colher as primeiras palavras. Emquanto Saca aventura", abraçava a vista panoramica da cidade, G empreza, dizia:

—Sempre o nosso primeiro abraço tem sido a aparecer. A ela devemos a maior parte do barul vá este abraço para todos, que bem o merecem.

A manhã estava linda no Tejo. Quando o «Porto» se aproximou da barra, pairando na baía de Cascais, ainda havia estrelas no céu. Sobre as aguas azuis do rio espelhava-se a luz roxa da madrugada, que se foi avermelhando a pouco e pouco, á medida que o sol despontava no horisonte.

E os mastros dos navios erguiam-se para o céu, direitos como fusos, recebendo em cheio a primeira luz da manhã que vinha despontando.

O «Porto» entrou embandeirado, magestoso, elegante. Desde o limite das aguas territoriais vinha comboiado por três contra-torpedeiros. A's 9 horas já estava em frente de Pedrouços. Em terra, subiram ao ar os primeiros morteiros.

Passou um comboio apitando e viram-se lenços brancos ás janelas, numa saudação. Aproximavam-se do navio as primeiras embarcações.

O *Porto* singrava já rio acima, quando chegou a visita de saude. Cumprimentos rapidos, troca de papeis, praxes de bordo e entrámos. Dois redactores do *Diario de Lisboa* foram as primeiras pessoas que entraram a bordo.

Da amurada do navio debruçam-se caras conhecidas, onde se lê a ansiedade e a alegria de voltar a ver terra de Portugal.

Ha ainda um grande silencio a bordo. Dos passageiros que o *Porto* trouxe para Lisboa, cêrca de duzentos, a maior parte não saíu ainda das suas cabines.

O navio vai-se aproximando da torre de Belem, seguido pelas primeiras embarcações que se aproximaram.

—Os aviadores? Onde estão os aviadores?

—Lá em cima, na ponte do comando—diz-nos um oficial da Armada.

A bordo do "Porto"

Subimos. Gago Coutinho, dentro da sua farda azul de almirannte, peito descoberto, sem uma medalha, vai seguindo carinhosamente com o binoculo a linha de terra.

Volta-se para nós e tem uma exclamação de alegria nos labios, nos mesmos labios que beijaram tanta senhorinha brasileira—e tantá marca de pó de arroz—e que nunca se abriram senão para dizer o que pensa. A sinceridade é um dos seus maiores titulos de orgulho.

—Venha de lá esse abraço! E' á primeira cara conhecida que vejo ao entrar em Portugal.

E estendeu-nos os braços, carinhosamente, como um delicioso avôsinho.

—E' o *Diario de Lisboa*, sr. almirante, que lhe dá o primeiro abraço. Lembra-se que foi tambem o *Diario de Lisboa* que lhe deu o primeiro abraço quando chegaram ao Brasil...

—E' verdade. Os senhores andam sempre na frente. Isto chama-se um *récord*. E ainda bem que vejo uma cara conhecida.

O comandante Sacadura Cabral deixa por instantes de seguir com o seu binoculo a linha ondulada e verde da paisagem e dá-nos tambem o seu abraço.

Em troca, damos-lhe as primeiras noticias de terra.

Tranquilidade absoluta. Nem um boato. O cambio melhora. Lisboa prepara-se para os receber triunfalmente.

Fala Gago Coutinho

Gago Coutinho tem um sorriso de resignação. Sacadura Cabral mais reservado do que de costume. Falámos-lhe do boato que correu da sua morte. Ouviu e disse-nos apenas:

—No Rio de Janeiro correram coisas tetricas... Não lhe vejo a origem...

Gago Coutinho sorriu. Achou graça «áquela historia de inventarem a morte do Sacadura». Mas com que fim?

—A viagem decorreu sem um unico incidente. Viemos devagar, mas com muita comodidade.

—Agora tem a consagração do país inteiro.

—A maior consagração que me podiam fazer era deixarem-me em paz — disse Gago Coutinho.

—Mas, sr. almirante...

—Eu compreendo... o que desejaria era que fôssem breves nas manifestações...

—E depois o que resolvem fazer... Projectos...

—Primeiro descançar, depois...

—Depois...

—Descançar ainda.

—Não pensam noutro *raid?*

—Por emquanto, é cedo. Não temos aparelhos...

Da Tôrre de Belem, muito branca e dourada pelo sol que andava já a boiar no ceu, numa apoteose de luz, ergueram-se os primeiros sete vivas da ordenança. Por entre as ameias rendilhadas, percebiam-se vultos de marinheiros. Esta primeira homenagem, da marujada que os acompanhou sempre de alma nos labios, enterneceu o almirante Gago Coutinho.

No Bom Sucesso

Mal o *Porto* fundeou—ás 10 horas e... ponto—o forte do Bom Sucesso salvou aos aviadores. Um hidro-avião levantou vôo e pairou durante algum tempo sobre o navio.

Sacadura Cabral vai seguindo com o binoculo, muito interessado, aquele primeiro vôo de saudação dos seus camaradas da Aeronautica Naval.

Gago Coutinho pede-nos mais noticias. Não admira. Trazem desoito dias de viagem. E a bordo as vozes do mundo chegavam apenas em eco...

O navio tocou só no Funchal. O que foi a recepção já os jornais disseram. Deslumbramento. Apoteose.

O almirante Gago Coutinho:

—Ah! e passámos muito perto dos Penedos de S. Pedro. O navio deu duas voltas em torno dos rochedos... O destacamento de marinha formou... A banda tocou a *Portuguesa*... Houve uma taça de «champagne»...

E depois:

—A chapa que lá deixámos está toda branca. Até parece pintada de cal... os passaros encarregaram-se de fazer a pintura...

O *Porto* já tem a ancora no fundo.

—São dez horas. Chegámos á tabela—diz o comandante Dionisio.

Gago Coutinho rectifica, com a certeza de quem faz um calculo:

—Fundeou ás 10 e 3 minutos. Só se o meu relogio está adeantado...

Mas deve estar certo—porque é o relogio do almirante Gago Coutinho. O hidro-avião *14* desceu e tornou a subir. Os aviadores acenaram com os braços.

O "arco-iris"

Gago Coutinho volta-se para nós:

—Sabe que á saída do Rio de Janeiro tambem tivemos um arco-iris... Aqui estavamos á espera doutro, mas não se poude arranjar...

O comandante Sacadura continua entretido com o seu binoculo. Gago Coutinho tambem não perde o seu tempo. A' medida que fala vai espiolhando com as lentes triedricas as embarcações que vão chegando.

—Ainda não vi uma cara conhecida nessas embarcações...

Depois do *Porto* fundear, dos barquinhos, das lanchas e dos rebocadores, embandeirados, sairam aplausos e vivas e acenos de lenços brancos.

O destacamento de marinha, formado no *deck*, sob o comando do guarda-marinha Faria Pereira, esperava a chegada do ministro.

A's 10 e 25 entrou a bordo o primeiro elemento oficial: o capitão de fragata superintendente do Arsenal de Marinha. Depois veiu o capitão de fragata Carvalho Brandão, veiu o 1.° tenente engenheiro Costa, da Aviação Maritima... Este nome ficará tambem para a historia do *raid*. Veiu o almirante Neuparth que se abraçou comovidamente a Gago Coutinho. Conversaram durante muito tempo. Sobre o programa das festas, os discursos, as homenagens, as conferencias...

Gago Coutinho, seriamente exaltado, dizia:

—Então perdi a minha independencia? Já não sou senhor da minha pessoa... Tenham piedade!

A's 11,5, um toque de continencia anunciou a chegada do sr. ministro da Marinha. Vem fardado. Segue-se-lhe o sr. ministro das Colonias, tambem fardado de oficial de marinha. É a hora de gloria da armada. O destacamento de marinha apresenta armas, a banda toca a *Portuguesa*. E o ministro fica perfilado, ao portaló, em continencia. A mão na testa, tremem-lhe os dedos.

Adianta-se o almirante Gago Coutinho. O ministro abraça-se a ele, de lagrimas nos olhos, Abraço longo, apertado, silencioso. São dois marinheiros.

A familia dos herois

Depois o comandante Sacadura, um abraço forte, prolongado, o abraço de duas almas, e disse:

—Cá chegámos.

Lá fora, rompe uma salva de palmas. O entusiasmo aumenta. Em breve se ha-de transformar em delirio.

Retiram-se os aviadores com os dois ministros para um salão do *Porto*; conversam, emquanto pelo navio se espalham os jornalistas que chegaram agora, curiosos, senhoras, mais oficiais de marinha. Vem tambem a familia de Sacadura Cabral: o irmão, advogado, outro irmão, as irmãs. Trocam-se mais abraços e emquanto a campainha toca para o almoço, o *Porto* suspende ferro e vai rio acima, seguido de um cortejo triunfal de embarcações onde palpita entusiasmo, onde ha vibração, ruido, côr. A' frente o *Tejo*, a bombordo o *Vouga* e a estibordo o *Douro*. Depois o *Espadarte*, o *Ave*, outros navios.

Ao longo do Tejo, embandeiraram em arco todas as embarcações. O «Desna», da Mala Real, chegado hoje, sauda o «Porto».

Em terra, pela orla do rio, estende-se um formigueiro humano. Sobem ao ar morteiros. Apitam os navios, prolongadamente. Acenam lenços brancos. E o «Porto» vai Tejo acima, seguido pelo entusiasmo delirante de milhares de pessoas em dezenas de embarcações.

A bordo começou o almoço. A uma mesa sentaram-se os aviadores, o sr. ministro da Marinha, o das Colonias e o almirante Neuparth.

A's 12 e 15 o navio fundeava em frente do Terreiro do Paço. O cruzador «Vasco da Gama» deu as salvas do estilo e o «Porto» viu-se cercado por um verdadeiro tapete de pequeninas embarcações, onde era cada vez

Os aviadores no periodo culmin

TERRA PATRIA

ALMENTE OS AVIADORES

OS JORNALISTAS

iados especiais do nosso jornal ao Brasil, foram os o "Porto", a fim de saudar os heroicos aviadores, e adura Cabral, pulso e alma valorosa da "magnifica ago Coutinho, o cerebro privilegiado e iluminado da

para a imprensa, que é tambem sempre a primeira ho que se tem feito á roda dos nossos nomes. Pois

maior o entusiasmo, onde vibrava cada vez com mais calor a alma de Portugal.

Num rebocador, aproximavam-se do navio os aviadores da Aeronautica Militar, que vinham saudar os seus camaradas. Veiu tambem o comandante Cisneiros de Faria, vieram delegações de numerosas colectividades, vieram senhoras, ramos de flores, saudações, abraços—e não se pronunciou um discurso;

A ansiedade

O «Porto» já saíu de Belem. Lisboa inteira, dos fundamentos ás cupulas, dos telhados ás cimalhas, estremece. Morteiros rebentam, estilhaçando o ar, estremecendo de alegria o povo que desceu á Baixa e a coalha de léz a léz.

O rio oferece um aspecto deslumbrante. Está todo inundado de flamulas, gritos de sirenes aos milhares, estampido de salvas, vozes, aclamações. Os navios de guerra fazem um corredor no Tejo, para que a embarcação dos aviadores passe.

No Terreiro do Paço formam as escolas, exercito marinha, pupilos, Casa Pia.

Não ha policia, guarda republicana que contenha o povo. Não ficou ninguem em casa. Está tudo. Militares, operarios, senhoras, mulheres, todo o povo, sem categorias, com divisas, sem posições, só uma alma que começa a uivar, afogueada, apopletica, num grande rumor que faz estremecer as bandeiras que estão por essa cidade fóra.

Até o pavilhão banal de madeira velha e brocados antigos ressurge e evoca uma acropole, cheia de bandeiras, de festões, com palmas verdes.

Mas quem anima o elemento protocolar apertado em fracks, fardas, chapéus altos, é a mocidade ecademica, que veiu cheia de negro nas suas capas e batinas.

Estão ali Coimbra, Porto, Lisboa, Vila Real. E ha estandartes. Azuis, brancos, doirados, a chuva avivando as côres; as gerações, que morreram, estão ali de pé, vivendo a hora da gloria.

Do pavilhão ao cais ha uma passadeira. Em linha formam os estudantes com uma floresta gloriosa de hastes de palmeiras. Espadas de aspirantes de marinha. Mais marinha a um canto. Tropa, oficiais, escolas pequeninas de criancinhas, com oito anos, sete, seis, mesmo cinco, com um sorriso, um lindo sorriso, que põe sol na glorificação.

Chove. O Tejo acinzenta-se. As velas esfumaçam-se. Barcos andam na corrente, a passear, a esperar, embandeirados, com uma carregação de alegria que não tarda a subir, a desfazer-se toda no ar.

No cais das colunas, ha aviadores do exercito, ha a Camara Municipal, ha o seu estandarte, ha até jornalistas de pobre indumentaria, que valem mais do que outros que andam de «frack».

Quere-se protocolo. O povo não quere. Porque teima o sr. coronel Freiria em alinhar tudo, se a alma do povo vai correr impetuosa e torrencial, esmagando tudo, absorvendo tudo?

O aspecto do rio

Fixo o rio. Uma hora! Olho o Terreiro do Paço. Tudo negro de gente; em altares, nos cais, ás janelas, quasi se dependura a cair, para ver melhor. Vermelhos de colchas, uma bandeira aqui, outra acolá.

Não serão as bandeiras, nem os estandartes, nem as palmas que a academia sustenta, que irão inclinar-se, viver, a chorar, a uivar, a gritar vivas que quebram os ouvidos, quando chegarem os aviadores.

Más voltem-se agora para o rio. E' uma hora! Mais cinco minutos! E' agora. O Tejo, incendiado de aclamações, as sirenes a responderem, a quebrarem-se, a confundirem-se, numa cupula de sons que a superficie maritima eleva e prolonga. Não se pode parar ali. A comoção ganha-nos. O som escorre dos nossos fatos, perturba a cabeça. Nas torres dos navios de guerra ha estrelas de fogo, e lá longe, até aos confins da outra margem e, ampliando, até ás fronteiras de Portugal, as salvas repercutem-se acordando aldeias, fazendo parar no meio dos caminhos os camponezes.

A vaga é pequena, doce, beija.

Lá vêm eles! A praça estremece toda. O povo vai despedaçar-se de encontro ás colunas, de encontro aos cais. E'-se levado no ar!

No meio de milhões de gritos de sirenes, um barco pequenino, verde, vermelho, azul, roxo, de bandeiras, seguido de outros, mais altos, enormes, cortejo triunfal, antigo, veneziano puro, galeras e naus, ressuscitando das cinzas, aos milhares, atravancando o rio, num delirio incomensuravel de vozes e de almas, de paixões e de vivas, vem a todo o vapor de encontro ao cais.

No Terreiro do Paço

Sacadura á vista! De pé, lenço no «dolman», sem chapeu, a sorrir. O almirante Gago Coutinho, uma velhice linda, coberta de gloria, um halo imortal de cabelos brancos na fronte. O ministro ao lado, o da Marinha; outro, o das Colonias, marinheiro tambem; o comandante Afonso Cerqueira, vermelho, tisnado, bons olhos azuis.

E é então o sr. dr. Domingues Pereira, os generais, os velhos, Hipolito, Mendonça e Matos, Bernardo Faria, oficiais de marinha que já não têm peito para mais glorias, que dão palmas a fazer calar as sirenes, os embriagamentos extraordinarios das embarcações.

Sacadura define o instante ao desembarcar:

—Custou-me mais a desembarcar em Lisboa do que chegar ao Brasil!

E' isso, é! E' isto mesmo. Porque já não ha generais, nem deputados, nem ninguem, ha só povo ali, em sete metros de cais, que coloca os aviadores aos ombros. O delirio é tanto que se põem as mãos, para que elas fiquem santas de gloria, no nariz, na calva, no pescoço, na boca de Gago Coutinho que, como uma criança, muito atrapalhado, um rouba-o e leva-o, outro rouba-o e leva-o até á passadeira.

Quebram-se os cordões da academia, da policia, da marinha; o ministro das Colonias sei eu que vinha no roldão da gente, esmagado, apertado.

Sacadura! Gago! Gritos como bandeiras, vermelhas, escarlates, todas sangue, em que a alma do povo vai colada, ardendo.

Piza-se gente, despedaçam-se palmas, derrubam-se bandeiras e Gago e Sacadura, ao alto, vão naufragados no seio da multidão.

O Terreiro do Paço, negro de gente, coalhadinho de preto, não ha largura para mais, tem labaredas de entusiasmo. Apertados, convulsos, sem protocolo, a suar, quasi desfeitos, os aviadores chegam ao pavilhão.

Vejo braços feridos, oficiais que se põem á frente para não deixar passar e que num instante são repelidos pela torrente que não consente diques.

Lá em cima, no pavilhão, a custo, eu sou o unico reporter que consegui chegar.

O presidente da Republica, o sr. Patriarca, meia duzia de deputados salvos do naufragio de entusiasmo, cumprimentam os aviadores — vejo-os eu — comovidos tambem.

O pavilhão range. As balaustradas partem-se. O sr. dr. Antonio José de Almeida aconselha a retirar o sr. Cardeal Patriarca.

E o Terreiro do Paço? O Terreiro do Paço povo que não é os ministerios?

São milhares de cabeças, de boca aberta, rio, oceano, imensidade, infinito, queimando gritos, agitadas, epileticas, brutais, numa colera de entusiasmo que galvaniza as pedras. São aquelas bocas que fazem aureola imortal dos aviadores. São elas que resplandecem a sua gloria.

Morteiros, salvas, foguetes, girandolas aos pares, entreabrindo no ceu a sua mosqueteria de bombas,

A chegada

Os aviadores, com o presidente da Republica ao meio, aparecem entre os veludos do pavilhão. O povo endoideceu, frenetico, crispado, num paroxismo de delirio que é fatal nas horas de agonia, e que é imortal nas horas como esta, que marcam uma raça.

Nem sei como, talvez ao colo, certo, ao colo, Gago Coutinho a dizer que o deixem ir a pé, é que os dois *Homens* são arrastados, precipitados naquela fogueira de palmas, naquele grito sem fim e terrivel do povo, que abriu a alma, desatou emfim os nervos, cortou os corações e pô-los, como flôres vermelhas, ao cimo das cabeças.

Há uma carruagem á *Daumont* — protocolo—abandonada a um canto. O povo é rodas, cavalos, trem.

Vai indo de repelão, perdidos os sinais de continencias, as formaturas, as bandas com a *Portuguesa* nos metais, até ao ministerio do Interior. Há flôres a caír. Há chuva. Outra flôr tambem que veiu dizer aos herois que a consagração se faria, mesmo que um incendio devorasse a cidade, ou houvesse peste, ou houvesse morte. Enfio para a Camara Municipal, sou deputado, ministro, oficial, para os agentes da policia, que me não querem deixar entrar.

Sacadura vem á frente, aos ombros dos estudantes, coberto com a capa de um deles, cheio de suor, palido; aquilo é demais, esmaga. As escadarias tem flôres a sorrir, têm bombeiros decorativos, vermelho de passadeiras, uma banda.

Na sala nobre, debaixo da tela do marquês de Pombal, menos severo, sem ter os olhos na planta nova da cidade, a ver tambem aquilo tudo, a viver, Sacadura, de pé, com um lenço a enxugar a fronte, agradece, inclina a cabeça vinte vezes, trinta, automaticamente.

Na Camara Municipal

Uma boca faz um viva; outro, outros, repercutidos largou, estendidos, vibrantes. As senhoras não teem mais palmas, mais sorrisos, mais flôres. A *Portuguesa!* O ministerio está todo á direita da mesa. Partem-se cristais, inundam-se as salas todas.

—Mas o Gago? Onde está? Raptado?

Espera-se um quarto de hora. Ouvem-se emfim no largo os toques de continencia; as janelas estão brancas de lenços; o povo uma fera, quebrando-se, refervendo, esmagando.

—E' o Gago!

Vem a pé. Quatro oficiais generais arrancaram-no ás garras crispadas da multidão; outro deu-lhe o braço e entram todos assim na Camara Municipal, hoje severa, naquele instante grandiosa, marmores de gloria por toda a parte.

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

(Fotografia tirada especialmente para o Diario de Lisboa *a bordo do «..gé»)*

da sua arrojadissima travessia

TRAVESSIA DO ATLANTICO

(LISBOA - RIO DE JANEIRO)

Historico "raid" brilhantemente realizado pelos gloriosos aviadores GAGO COUTINHO e SACADURA CABRAL com

GAZOLINA da

"VACUUM OIL COMPANY"

Foi, tambem, esta a GASOLINA empregada pelo arrojado capitão-aviador Sarmento Beires, no "RAID" DE PORTUGAL (á volta de Portugal)

Antonio Gomes Ribeiro

FALECEU

Margarida Ribeiro Pinho, seu marido Abilio Chaves Pinho e seu filho Alfredo Ribeiro.

Participam aos seus amigos e pessoas das suas relações o falecimento do seu muito chorado primo e padrinho, e que o seu funeral terá lugar no dia 27, pelas 13 horas, da rua do Amparo, n.° 94, 4.°, direito, para o cemiterio Oriental. Não se fazem convites especiais por vontade do extinto.

Antonio Gomes Ribeiro

FALECEU

Beatriz do Val Gonçalves e seu marido Augusto Soares Gonçalves participam aos seus amigos e pessoas das suas relações o falecimento do extremoso tio e padrinho, e que o seu funeral se realiza no dia 27, pelas 13 horas, da rua do Amparo, n.° 94, 4.°, direito, para o cemiterio Oriental. Não se fazem convites especiais por vontade expressa do extinto.

SIFILIS E BLENORRAGIAS

evitam-se usando o

ANTIVENERIN

preparado alemão. Modo de usar indicado nos tubos.
A' venda nas boas farmacias e drogarias.
Agentes gerais para Portugal

SAMPAIO & RODRIGUES

RUA DA MADALENA, 113, 2.°

TELEFONE C. 5:507

A todas as refeições pedir sempre

CHEGOU NOVA REMESSA DE

LLOMOS

UNICOS AGENTES

VASCO CARMO, LIMITADA

T. CORPO SANTO, 21 — LISBOA

O «DIARIO DE LISBOA» Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril

Antonio Gomes Ribeiro

FALECEU

Emilia do Val Ribeiro, Ana Maria Ribeiro (ausente), Dantom Amandio Pinto, Carolina Pinto Ribeiro, seus filhos, genros e nora, Margarida Ribeiro Pinho, seu marido e filhos, Antonio Filipe Ribeiro, sua esposa e filhos, Leonor da Conceição do Val, seus filhos e genros, Maria do Val Sousa, seu marido e filhos (ausentes).

Participam o falecimento do seu saudoso marido, filho, padrasto, sobrinhos e tio, primo e cunhado e que o seu funeral se realiza no dia 27, pelas 13 horas, da rua do Amparo, 94, 4.° D.°, para o cemiterio Oriental. Não se fazem convites especiais por vontade expressa do extincto.

Antonio Gomes Ribeiro

Faleceu

João Ferreira Branco, participa aos seus amigos e pessoas das suas relações o falecimento do seu muito querido amigo e socio e que o seu funeral se realiza no dia 27, pelas 13 horas, da rua do Amparo, 94, 4.°, D., para o cemiterio Oriental. Não se fazem convites especiais por vontade do extinto.

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

EM BERLIM

S- NACIONALISTAS

DA ALEMANHA

E OS "FASCISTAS"

DA ITALIA

M ENTENDIMENTOS?

BERLIM, 26.

encontro sangrento entre os na-listas e os comunistas, que se deu mingo, tem dado logar aos maio-batos de alteração de ordem pu-

excessos dos comunistas fortale- a posição dos nacionalistas, um desanimados desde o assassinio thenau.

ista que os nacionalistas se en-m em contacto, já ha muito tem-m os «fascistas» italianos para zar uma frente unica burguesa as aspirações bolchevistas.

ombate de domingo serviu para munistas se organizarem nova-e para romperem mais agressi-te os ataques ao governo.

petições nacionalistas resumem-substituição do chefe da policia ssegurar a ordem publica.

validade contra o chefe da poli-e a sua origem nas investiga-itas sobre as reuniões secretas realizarão antes da colisão.

jornal moderado, e que tem sido do partido popular «Deutsche eine Zeitung» aconselha á opo-a direita que se abstenha de fa-alquer manifestação. Condena no por ter consentido na mani-o anti-republicana de grupos em e de Liberdade.

imprensa socialista, por outro z que a tactica comunista pode uir para a desorganização ope-fomentar o «fascismo» na Ale-—(Especial).

A CONQUISTA DOS ARES

A AVIAÇÃO SEM MOTOR

O aviador francês Manergral bateu o "record" do mundo

Como se sabe o francês Manergral bateu o *record* recentemente alcançado pelos alemães Martzens e Hentzen em aviação sem motor, que tão grande repercussão teve no mundo inteiro.

Eis as impressões que ele deu do seu vôo, que é mais um passo gigantesco na sclução do problema da aviação sem motor:

* * *

A minha unica apreensão era a partida: os saltos de vento eram violentos e irregulares.

Fiz estender os *candoros* por dois grupos de homens, até ao limite da leveza. O avião estava preso só ao aparelho lançador por uma só corda.

A um sinal meu, Luis Peyret fê-lo partir.

O avião partiu como uma seta, e logo se encontrou numa corrente ascendente que me elevou a 50 metros em poucos segundos. Tomei logo o caminho obliquo e deixei-me levar até cerca de 500 metros de distancia.

Ai, voltei á direita para ficar sempre voltado contra o vento que me elevava e conduzindo-me devagar para o ponto de partida sobre o qual voei á altura de 100 metros.

Depois desta primeira volta, o manejamento do aparelho, a sua sensibilidade á mais insignificante manobra, a obediencia imediata e leve, deram-me a certeza absoluta de que salvo acidente imprevisto, o premio do *Daily Mail* era para mim. A continuação do vôo confirmou este optimismo.

Ao voltar por cima do cume mais alto or de estava o povo, um *hourrath* formidavel anunciou-me que já tinha batido o tempo do inglês Reynham (1 hora e 53 segundos).

Ainda que o tempo se fosse tornando mais ameaçador, decidi continuar o vôo até á noite. Quando o Sol se escondia, a obscuridade tornou-se tão grande sob as nuvens de chuva baixissimas que já não distinguia a hora de velocidade; o terreno apagou-se de tal sorte que mal distinguia os contornos do planalto.

Gritei que iluminassem o logar onde devia descer, o que logo se fez com os farois dos automoveis.

Faltavam apenas 30 minutos para bater o *record* mundial. Porque não dar essa gloria á França?

Cheguei a descer até meia encosta. As luzes dos automoveis não se viam. Procurei ás apalpadelas as correntes de ar favoraveis á subida. Temi que uma descida prematura me fizesse perder o *record*. Mas o aparelho ajudando-me sósinho, começou a subir gradualmente; alcancei 50 metros.

—Mais três minutos, gritou uma voz.

Mais uma volta, uma aclamação prolongassima misturada com o ruido das buzinas dos automoveis. Soube que bateu o *record*.

Desço na volta proxima, no circulo de luz! gritei. Deixei a corrente ascendente. Voltei a traz. O pousar fez-se «como numa flor», a 50 metros do ponto de partida. As rodas não deram nem um decimo de volta.

Estado fisico e moral: nem fome, nem sêde, nem frio. Fadiga nenhuma.

Depois de dez anos de aviação foi a primeira que senti verdadeiramente a sensação de ser um passaro baloiçando-me nos ares.

EM LONDRES

AS ELEIÇÕES GERAIS

E A CANDIDATURA

DE LLOYD GEORGE

O PROGRAMA

DO EX-PRIMEIRO MINISTRO

LONDRES, 26.

Lloyd George apresentou oficialmente a sua candidatura ás proximas eleições gerais.

Nos numerosos discursos, em serviço de propaganda eleitoral, pronunciados pelo ex-primeiro ministro, Lloyd George invariavelmente afirma que: «Qualquer que seja o governo chamado ao poder, nós não faremos nunca oposição por simples espirito de facciosismo. O nosso programa é defender sempre todo o partido ou governo, cujo lema seja «Pão, Economia e Progresso».—(L. A.)

Lloyd George no palacio de Buckingham

LONDRES, 26.

O ministerio presidido por Lloyd George foi ontem ao Palacio de Buckingham depôr nas mãos do rei o seu mandato.

Junto do rei, além dos oficiais ás ordens, encontravam-se o principe de Galles e o duque de York.

Alguns ministros, entre os quais sir Winton Churchill, ex-ministro das Colonias e Worthington Evans, ex-ministro da Guerra, enviaram mensagens de reconhecimento aos departamentos por onde foram eleitos.—(L. A.)

TEATRO POLITEAMA
HOJE
QUINTA-FEIRA, ás 9,30 da noite
Estreia da Companhia Francesa de Comedia do eminente actor
GABRIELE SIGNORET
1.ª RÉCITA DE ASSINATURA
"LA CADUCÉE"

EDEN-Teatro
TELEF. N. 3800 A'S 21,15
O ... do Cochicho
... representações
... O homem que assassinou
A'MANHÃ—As primeiras pessoas que aparecerem no camaroteiro, a comprar bilhete, receberão
UM LINDO BRINDE

...liseu dos Recreios
SABADO, 28 de Outubro
ESTREIA
...rande Companhia de Circo
...mas novidades mundiais
...nées elegantes aos domingos e quintas feiras
...hetes á venda desde ámanhã

TEATRO DE S. CARLOS
Telef. 5063 Central
COMPANHIA BERTA DE BIVAR — ALVES DA CUNHA
Direcção artistica de CARLOS SANTOS
A'MANHÃ
1.ª representação da peça historica de grande espctaculo, em 4 actos, verso original de
SILVA TAVARES
VASCO DA GAMA
Bilhetes á venda para as primeiras dez recitas, todos os dias das 12 ás 17.

TEATRO SÃO LUIZ
— Companhia de opereta —
ARMANDO VASCONCELOS
Verdadeiro sucesso — A opereta italiana em 3 actos, musica de Bettinelli
MISS ISSIPI
Protagonista: Ausenda de Oliveira
Linda musica — Admiravel desempenho — Magnifica enscenação

Bairros Sociais
Venda de pedra
A Comissão Liquidataria dos Bairros Sociais recebe propostas até ao dia 7 do proximo mez de novembro para a compra da pedra existente nos Bairros Sociais de Alcantara e Ajuda.
Prestam-se esclarecimentos na sede da Comissão, rua do Arco do Cego, 54.
Lisboa, 23 de Outubro de 1922.
O presidente da Comissão Liquidataria
Inacio Pimentel

...ATRO SALÃO FOZ
...ESA EMAUZ — Telef. 4:554 N.
COMPANHIA
...atriz de Almeida
Director artistico e gerente
Jaime Zenoglio
...JE ás 21,30 HOJE
Première
José do Egipto
Farça em 3 actos
...e de gargalhada

NACIONAL Telef. N. 3049
A'manhã — A's 21 horas — A'manhã
1.ª Recita de assinatura
Epoca de 1922-923
Primeira representação da comedia de costumes historicos, em 3 actos original de
Marcelino Mesquita
PERALTAS e SECIAS
ARTISTAS — Maria Pia, Laura Cruz, Augusto de Melo, Joaquim Costa, Rafael Marques, Clemente Pinto e Lusitana Sayal, Ana de Oliveira, Maria Pilar, João Lopes, Joaquim de Oliveira, João Reis Luis Bravo, Antonio Nascimento, Shore e Pinto Simões

TODAS AS NOITES
TEATRO APOLO
CIGARRO BREJEIRO
O MAIOR DOS ÉXITOS

Antonio Gomes Ribeiro

FALECEU

Ribeiro & Branco participa aos seus clientes, amigos e pessoas das suas relações o falecimento do seu muito querido socio o sr. Antonio Gomes Ribeiro e que o seu funeral se realiza amanhã 27 ás 13 horas para o cemiterio Oriental. Não se fazem convites especiais por vontade expressa do extinto.

O REGRESSO DOS HEROIS

A apoteose nas ruas

OS ESTUDANTES

desatrelam os cavalos do carro e levam os aviadores em triunfo

(Continuação da 5.ª pagina)

Quem está na sala faz um movimento para recolher o heroi. Quere-o para si. Mas ele, [illegible] a pedir quasi perdão de o julgarem [illegible] grande, sobe os dois degraus da pequena tribuna.

Um rapaz academico vem com uma palma, encosta-a a Sacadura Cabral e, drapejando a capa, [illegible] os homens, as senhoras, as crianças, com vivas ferozes. E' a alma da Patria. A [illegible] é o labaro imortal que envolve agora nas suas dobras a cabeça de Sacadura.

Gago Coutinho senta-se. Põe as lunetas, tem [illegible] rapido de olhos para o quadro do marquês de Pombal.

O discurso de Leonardo Coimbra

[illegible] discurso do presidente do Senado. Agora o dr. Leonardo Coimbra. Pede silencio [illegible] oração. E' a voz de Portugal tão forte que a multidão que está no largo cala-se. Mascara impetuosa, gesto largo, palavras que correm como vagas febris, arrepelando os corações.

«Silencio na terra e nas almas! Silencio tão alto e profundo que nele se possa ouvir bater o coração da Patria e os labios do Mar, pousando, em canticos, um beijo de espuma, na extensão das suas praias!

Silencio tamanho que nele acordem as camadas mais fundas da Memoria, tão comovido e santo que nele se ergam, vivos e presentes em corpo de lembrança, os fantasmas gloriosos desta patria!

Afonso Henriques, cobiça impetuosa, vontade de vencer, condensação heroica [illegible] de seculares desejos, a distende[illegible] mola, a audacia propulsora dum [illegible]

O sr. dr. Leonardo [illegible] poetico do mais alto faz [illegible] dinaria evocação [illegible] toria.

«O mar morreu [illegible] ideal, que é a [illegible] lembrança no [illegible]

Deus não precisa de [illegible] trazer medido; entregou-o ao ri[illegible] vas de Camões.

A ordem divina é para o Mar [illegible] capele e dobre, remove e muja, se [illegible] e faça montuoso e convulso, de [illegible] do com as oitavas de Camões. Mas a Patria Portuguesa quizera, pelo braço, violencia, rapina, coragem e manha, pelo esforço de todos os impetos originarios, lugar para calcar o planeta, pequeno logar para os seus pés, porque logo o espirito, pela religiosa lealdade de Egas Moniz, entrou a não caber na Terra e nos Mares.

Fez-se Mar e de tal modo que a face eterna do Mar é a alma de Camões: mas a Patria portuguesa, que não deixára jámais as infinitas ansiedades, e fôra com Antero e fôra com Camilo desvairo tragico de subir e escalar os segredos dos deuses, é de novo maré alta, crescimento, remover de azas dentro da alma, vapor, nevoa e sonho, gloria e *Ascensão!*

E, quando os ouvidos grosseiros dos maus portugueses, insensibilizados pelo tenir do oiro e pelo ciciar da calunia, tudo viam parado ou diminuido, o coração da Patria subia em aguas vivas de Gloria e Sonho: o Sol e a lua e todos os astros do nosso destino alinhavam seus raios de encontro ás profundas aguas do coração de Portugal.

Eia! Maré alta, os corações incham, rebentam fontes de sonho e esperança, andam no ar e na terra bulicios de seiva a cantar, altas tensões convulsionam a superficie!

E' a grande maré da Patria!

Olhai; assistem todos os fantasmas de gloria: D. Henrique, o Infante do Mar, trocou o doloroso vinco de energia que lhe torcia os labios pelo sorriso angelico de D. Fernando; D. Pedro e Alvaro Vaz parecem dois helenos! Que harmonia a das suas conversas!

O Condestavel levanta as mãos num arroubamento; fantasmas de ouro e sol são o firmamento de Portugal!

Quem fez esta maré?

Os do Além e do Alto que estão *de amor* á Patria ou os de baixo, descuidosos e desavindos?

Sim, a catadupa de Luz vem da Altura, mas o marulhar do sonho, a nevoa, que começa, sai do solo de Portugal e dos corações de hoje!

Há esforços de contacto, forma-se um alto desejo, e os de baixo querem levar o seu sonho ao osculo e bençâo dos de cima!

Eia, vamos coração convulso!

É manhã, nevoa e sonho; é Lisboa, nevoa e sonho de Indias e perfeições!...

O Sol abre em arco de esperança e gloria, triunfo para a raça e dele, em aliança, os Avós assistem, e por todo o Portugal, do Minho ao Algarve, por Traz-os-Montes, Beiras e Alemtejo, do alto das montanhas e do fundo dos vales, da beirinha de agua, as mãos erguem-se, sobem as almas...

... E uma nova Caravela sulca os ares, vai caminho das alturas: é o prolongamento de nossas mãos unidas, o nosso sonho, o nosso amor a Deus, a melhor oração das almas...

E' Cabral, é Gago Coutinho, o nome, é bem do coração do povo...

Sobem na mais alta Caravela lusiada e todos os corações sobem em amor que os envolve, e todas as mãos se erguem no esforço de os sustentarem, e eles vogam na gloria de Portugal, no proprio coração da Patria e ao rumo do nosso amor circundante...

Pela evocação do nosso amor, pela força da nossa fé, pela lealdade [illegible] que estamos fazendo, venham os Avós [illegible] a consagração destes grandes filhos de Portugal!

E pela força intensa do novo Bem, do novo e mais dilatado Portugal, pela lealdade do renovado amor, com que [illegible] vamos jurar que o amaremos, sejam [illegible] bem, em desejo e esforço, os futuros [illegible] de Portugal [illegible] mita bondade [illegible] fazer [illegible] me ani[illegible] uma perfeita [illegible] cois nos [illegible] Estrela e do Marão, agua do nosso Mar salgado, [illegible] momento dos melhores e mais [illegible] de Portugal e permite que, ao beijar Gago Coutinho, ele possa sentir que é Portugal inteiro, o passado, o presente e o futuro, e eterno, já sem labios e [illegible] que, a ele e seu companheiro, agradece e abençôa.»

A' janela da Camara Municipal

Sacadura, de pé, um pouco palido, agradece, lembrando que não se deve esquecer no seu empreendimento aéreo o nome do ministro da Marinha, as tripulações dos navios de guerra que o acompanhou. «Demorou três anos a pensar no *raid*». Mais palavras. Sempre agradecimentos. Por fim:

«Se nós chegámos ao Rio de Janeiro, vós fizestes o milagre de vos unir todos! Que essa união perdure».

Os aviadores, com Leonardo Coimbra, chegam á janela principal. O povo, que já tinha rugido por lhe roubarem os seus herois, perturbando o discurso do presidente do Senado, solta a sua alma, ergue-se e, gritando, uivando, agita os chapeus, cabeças descobertas sob a chuva, dando palmas durante mais de meia hora. E' uma tempestade, magnifica, empolgante. Sobe o delirio até cá acima á janela.

Fala Leonardo Coimbra. Breves palavras. Ouve-se:... o maior instante! o beijo da multidão...

Sacadura agradece. E' breve.

Dez minutos depois, os aviadores tomam logar na carruagem «Daumont», entre um diluvio de flôres. A academia enrodilha-se atraz da carruagem.

E o ultimo gesto que eu vi do povo, mas do povo, foi um velho general, tropego, vencido, que, atravessando as mãos que se extendiam em cruz para apertar as mãos dos aviadores, agarrou nos dedos de Gago Coutinho a beijá-los, comovidamente.

***

Na Camara Municipal os dois aviadores foram galardoados com a medalha da cidade, em ouro. Gago Coutinho escondeu-a. Só depois de instantes pedidos é que ele transigiu em colocá-la no «dolman».

***

Os aviadores inscreveram no livro da Camara Municipal os seus nomes.

Quando os aviadores subiram á Camara Municipal, num carro á *Daumont*, todo coberto de flôres, levando á sua roda os representantes da Academia, as aclamações atingiram o auge.

A carruagem foi rodeada por uma multidão enorme. No ar agitavam-se lenços e chapeus. Vivas repetidos a Portugal, aos aviadores, ao Brasil.

A certa altura, os estudantes, entusiasmados, delirantes, desatrelaram os cavalos e levaram o veiculo entre palmas e flôres. Os herois agradeciam, comovidos, com lagrimas.

Na rua Augusta

Ao entrarem na rua Augusta, foi uma loucura. O povo quiz romper os cordões da policia, sentir perto de si os dois bravos, abraçá-los, beijá-los.

Das janelas cobertas de senhoras caíam crav[illegible] que enchiam o carro e quasi ta[illegible] os aviadores.

A onda popular, em certo momento, foi tão [illegible], não respeitando as ordens das autoridades, envolveu os dois valentes, [illegible] de carinhoso e vibrante entusiasmo.

Por todo o trajecto, as manifestações repetiram-se cada vez mais quentes. Foi uma verdadeira apoteose.

Nem a chuva torrencial que caíu durante [illegible] conseguiu fazer arredar a imensa multidão que enchia as ruas, numa [illegible] expontanea e sincera.

No Rocio

O cortejo [illegible] demorou-se durante bastante tempo. As aclamações sucediam-se obrigando o cortejo a repetidas paragens.

[illegible] do Teatro Nacional assis[illegible] sr. dr. [illegible] José de [illegible]

[illegible] aos aviadores.

[illegible] o cortejo vinham alguns alunos da Escola de Guerra e do Colegio Militar, depois alguns cavaleiros á paisana. A[illegible] grande numero de oficiais de cavalaria e em seguida o carro com os aviadores.

Ao chegarem ao Rossio, os dois aviadores tiveram uma calorosa saudação. Das janelas do *Avenida Palace*, e dos outros predios, as senhoras agitavam lenços e [illegible] petalas sobre o carro triunfal.

Na Avenida da Liberdade

Em seguida o cortejo subiu a Avenida da Liberdade, sempre no meio de palmas e vivas. A chuva, cada vez mais impertinente, não conseguia dminuir o entusiasmo popular.

Em frente da rua Alexandre Herculano erguia-se um pavilhão vistosamente engalanado.

Ao chegarem ali os aviadores, os estudentes fizeram um cordão com as capas, conseguindo livrá-los da multidão que os disputava. Sacadura Cabral, primeiro, Gago Coutinho depois, cobertos de chuva e de flôres tomaram logar na tribuna.

Fazia a guarda de honra uma força de aspirantes de marinha. Ao lado alinhavam-se os alunos das varias escolas, com os respectivos estandartes.

O cortejo desfilou então em continencia deante dos herois, dispersando depois cada unidade para o seu quartel.

Já passava das 4 horas quando os aviadores, no seu carro á *Daumont*, puxado pelos estudantes, chegou á Sociedade de Geografia.

Na Sociedade de Geografia

Gago Coutinho e Sacadura Cabral chegaram á Sociedade de Geografia poucos minutos antes das 17 horas, tendo-os recebido a direcção daquela colectividade, que veiu aguardá-los ao salão de entrada do edificio.

Os dois aviadores dirigiram-se imediatamente—o sr. Almeida d'Eça abraçado a eles—para a sala «Portugal», onde os aguardava já uma selectissima assistencia, entre a qual se viam muitas senhoras.

Quando os recemvindos surgiram lá em cima, no segundo andar, desencadeou-se uma verdadeira tempestade de palmas e de aplausos para os acolher. Toda a gente de pé, os lenços a acenar, as aclamações reboando sempre, Gago Coutinho e Sacadura Cabral conseguiram a custo aproximar-se da mesa da presidencia, á volta da qual se destacava uma cercadura formosissima de rosas.

Um chuveiro de flores, mais aplausos, mais vivas, mais palmas; parecia não ter fim aquela explosão emocionante de entusiasmo.

A saudação aos herois

Depois constituiu-se a mesa. Na presidencia o sr. Almeida de Eça.

A' sua direita, Gago Coutinho e Ernesto de Vasconcelos; á sua esquerda, Sacadura Cabral e Hipacio de Brion.

Atrás, erguido no estrado, um academico empunhando uma palma.

E o sr. Almeida de Eça, feito o silencio, disse o seguinte:

Depois da recepção pelo Chefe do Estado e pela Municipalidade de Lisboa, é a Sociedade de Geografia que dá as boas vindas aos seus muito ilustres consocios. Noutra ocasião se fará a comemoração condigna do feito grandioso realisado pelos aviadores Gago e Sacadura. A recepção de agora é apenas a manifestação de aplauso da Sociedade de Geografia, por ela e pelas numerosas colectividades que representa, aos seus dois consocios, que tão alto levantaram o nome português. E essa manifestação pode sintetisar-se numa saudação calorosa que vai erguer e que pede que seja acompanhada por toda a assembleia:

Sede bemvindos á nossa Patria [illegible] tão bem soubestes honrar; á vossa [illegible] durante tantos meses extremecida[illegible] vos esperou. Em nome da Sociedade de Geografia [illegible] de efusiva [illegible]

E emocou-se neles, enquanto a assistencia sublinhava as suas ultimas palavras com uma nova e calorosissima explosão de aplausos.

Seguidamente, o sr. Joaquim José Machado, tremulo de comoção na sua farda de general, entregou a Gago Coutinho e a Sacadura Cabral os diplomas—com as respectivas insignias—de socios honorarios da Cruz Vermelha, encerrando-se em seguida a sessão.

A chuva prejudicou grandemente o [illegible] numero das festas, não tendo permitido que assistissem nem o governo nem o corpo diplomatico.

Nos logares reservados ao governo via-se apenas o sr. dr. Alvaro de Castro.

Notas varias

Ao entrar no pavilhão da Avenida, Gago Coutinho foi beijado por um estudante. Durante o caminho, os dois aviadores fôram cobertos de beijos.

***

As palmeiras que serviram para as ornamentações fôram oferecidas pela Sociedade Estoril.

***

Pelo sr. Carlos de Macedo foi profusamente distribuida gratuitamente uma folha com as fotografias dos heroicos aviadores.

***

O sr. ministro da instrução resolveu conceder ámanhã feriado aos alunos dos liceus.

***

Nas ruas por onde o cortejo passou, via-se gente em todos os pontos donde se podiam ver os herois. Até nos telhados e nas montras!...

***

A policia maritima, logo que chegou a bordo do *Porto*, tomou conta de todos os livros de bordo, como é da praxe.

***

Ficaram varias pessoas feridas e pisadas não só pela multidão, mas tambem pelos «casse-têtes» de alguns civicos.

***

Desejando colaborar no regosijo nacional pelo regresso dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, o proprietario da fabrica da Farinha de S. Bento, que vai lançar no mercado um novo formato de pacotes desta acreditada farinha, ao preço de 1$20, resolveu que os primeiros 500 destes pacotes sejam distribuidos pelos pobres, festejando assim a data gloriosa do regresso dos dois notaveis aviadores.